Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



KATHERINE HEPBURN, cada vez mais linda e mais talentosa, reaparece esta época, nas nossas telas, para satisfação dos seus numerosos admiradores.

2.ª SÉRIE — N.º 50 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS FEIRAS — LISBOA, 20 DE OUTUBRO DE 1941 — PREÇO 1$50

«O MUNDO A SEUS PÉS»

(CITIZEN KANE)

A sensacional estreia em **HOLLYWOOD** do formidável filme de **ORSON WELLES**, que a **RÁDIO FILMES** apresenta no próximo dia 27 no

TIVOLI



A estreia de «O Mundo a Seus Pés» excede tudo o que é costume ver-se e fazer-se em Hollywood. Devido à espectativa e para facilitar a entrada dos artistas, a emprêsa do cinema resolveu colocar bancadas à entrada da casa de espectáculos. Ali se reuniram mais de 3.000 pessoas que pagaram o lugar à razão de um dólar (25$00) por cabeça, afim-de verem chegar os seus artistas favoritos. Fotógrafos e operadores recolheram as imagens que hoje publicamos e em que se veem:



popular Mickey Rooney ao lado da encantadora heila Ryan.



— John Barrymore e Dolores del Rio acompanhados de Orson Welles, George Schaefer e Dorothy Comingore, uma das intérpretes de «O Mundo a Seus Pés».



deusa do «sarong», Dorothy Lamour, que indou a récita de gala com a sua formusura.



— Adolfo Menjou e sua mulher, a actriz Veree Tearsdale, que temos admirado em muitas produções e:



— Olivia de Olivand que, acompanhada de Franchot Tone, não quis faltar a uma estreia sensacional.

2.ª série / N.º 50 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA — R. do Salitre, 151-155—LISBOA—Telef. 48276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL-ua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

20 de Outubro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

O Director da Tobis de Berlim declara que o cinema português tem as condições necessárias para interessar as plateias estrangeiras

Os filmes alemães vão começar a ser exibidos regularmente em Portugal. Para êsse efeito, fundou-se, entre nós, em representação da Tobis de Berlim, a «Portugal-Filmes, Ld.ª» que, por sua vez, assumiu a gerência do Ginásio, em cuja tela vai revelar-nos alguns dos melhores filmes produzidos, não só nos estúdios germânicos, como nos franceses que estão produzindo sob os auspícios das autoridades militares da ocupação.

A nova emprêsa do Ginásio, aproveitando a circunstância de se encontrar em Lisboa, o Dr. Wiers, director da Tobis de Berlim, e com o desejo de estabelecer relações com a Imprensa do nosso país, reüniu, na passada quarta-feira, num «cocktail», que foi servido no dancing-bar daquele Teatro, os representantes dos jornais diários e da especialidade, aos quais expôs projectos e realidades, referentes ao intercâmbio cinematográfico e cultural, que se propõe levar a cabo.

Pelos relatos da Imprensa diária, sabem já os nossos leitores dum modo geral, quais os filmes que veremos naquela casa de espectáculos, que tem tradições cinematográficas, embora distantes, na época em que funcionou com a programação da Metro, durante a qual nos revelou *The Champ*, de King Vidor e outras obras de igual quilate.

Não podemos deixar de nos felicitar com a abertura duma nova sala, o que prova o crescente desenvolvimento do cinema e do gôsto do público — tanto mais que nos vai revelar uma cinematografia, que foi, há alguns anos, das primeiras do mundo, e que, nestes últimos tempos, nós não pudemos ajuizar, dada a irregularidade e escassez da sua representação entre nós.

Abrindo com *Opereta*, de Willy Forst, o mestre-realizador de *Mascarada*, o Ginásio iniciou a sua exploração, sob bons augúrios. Outros filmes célebres nos promete, como *Koch, o triunfador da medicina*, tanto em versões originais como nas suas dobragens francesas. Além disso, o Ginásio conta apresentar alguns dos filmes produzidos nos estúdios parisienses, post-guerra, como *L'Assassinat du père Noël*, recentemente concluído. Harry Baur, que se encontra actualmente na Alemanha a interpretar *Sinfonia Fantástica*, deverá vir até nós com aquele filme.

A resolução dum problema moral

A abertura do Ginásio, como cinema criava, até certo ponto, um problema moral para com o Teatro. Não se podia afirmar «que era mais um Teatro que se fechava», pois, a bem dicom as portas encerradas, do que em actividade. E, ainda sob o aspecto «problema moral», mais valia funcionar como cinema, do que ser um Teatro abandonado.

No entanto, a emprêsa exploradora quis, de certo modo, ir de encontro a qualquer reparo que se pudesse fazer à metamorfose e, assim, resolveu incluir, regularmente, nos seus programas, um «entre-acto» teatral, com uma feição diferente dos «complementos-vivos», que o Eden lançou nos seus primeiros tempos de cinema. E confiou à actividade e à inteligência de Erico Braga a organização dessas funções teatrais.

Na semana que vem, João Villaret, o nosso primeiro declamador, cujo êxito no Trindade foi notório, aparecerá nos seus recitativos. E alguns dramaturgos, dos mais consagrados, como, por exemplo, os drs. Alfredo Cortez e Ramada Curto e o poeta António Boto, estão a escrever «sketches», para esta meia-hora de Teatro. Adelina e Aura Abranches, Raúl Carvalho, Samwell Diniz, Adelina Campos e outros, estão previstos para os elencos dos sucessivos espectáculos.

Isto prova o interêsse que os dirigentes da «Portugal Filmes, Ld.ª» de acôrdo com a Tobis de Berlim, têm em bem servir o público português.

Além dos artistas citados outros virão colaborar nos futuros espectáculos do Gimnásio assim como, possìvelmente, algumas atracções estrangeiras. Haverá, portanto, alguns espectáculos de arte para satisfação dos futuros «habitués» do Gimnásio que prepara uma temporada 1941-42 merecedora de todos os elogios.

Intercâmbio cultural — e não propaganda

O Dr. Wiers é uma das personalidades mais representativas do cinema alemão. Conhecedor profundo da indústria cinematográfica, nos seus múltiplos aspectos, tem corrido a Europa inteira, antes e depois da guerra:

— Interessa-me muito conhecer a reacção do público português perante os novos filmes germânicos. Quero dizer, antes de mais nada, que não pretendemos fazer «propaganda», no sentido político da palavra. Trata-se, acima de tudo, dum intercâmbio cultural, da revelação de manifestações artísticas. Tanto assim, que na programação prevista não figuram as obras, e algumas há notáveis, de tendências doutrinárias. Portugal, país neutral, saberá, por certo, olhar estes filmes sob os prismas espectacular e cinematográfico, comuns à produção de tôdas as nações.

E, a propósito, frizou:

— Poucos dias antes de vir ao vosso País, estive em duas nações que vivem sob regimes diferentes: uma, a Dinamarca, sob a ocupação militar; outra, a Suécia, país livre e independente. E conclui o seguinte: o público dinamarquês é um público subjectivo. O da Suécia, pelo contrário, é objectivo.

O nosso camarada de redacção Augusto Fraga interrogou o Dr. Wiers sôbre a possibilidade de Willy Forst ou Emil Jannings virem a Portugal, assistir à estreia dos seus filmes.

O director da Tobis de Berlim disse estar convencido de que êles se não poderão deslocar. Forst, filma, neste momento, *Sangue de Viena*. Emil Jannings está contìnuamente absorvido pelo seu trabalho, pois tem sido o principal intérprete das obras de propaganda.

Theo Amady Kaes, gerente da Portugal Filmes, informou-nos que espera apresentar outros espectáculos alemães, nomeadamente as orquestras de Stuttgart e Filarmónica de Berlim, de reputação mundial.

Os filmes portugueses, em face do estrangeiro!

A conversa tomou novo rumo. Fala-se no cinema português. O Dr. Wiers assistiu à exibição de *O Pai Tirano*, que o surpreendeu agradàvelmente, pela sua correcção cinematográfica e pelas características que diferenciam o nosso cinema dando-lhe um «clima» e uma «maneira» própria:

— É indispensável essa personalidade», digamos assim, para impor os filmes dum país, nas telas estrangeiras. O público alemão, interessa-se, ás vezes mais, do que pelas produções na sua língua — por êsses que lhes trazem as imagens e a alma de povos e países longínquos, com que êle não está familiarizado.

Interrogámos o Dr. Wiers sôbre se, na realidade, vê possibilidades dos nossos filmes serem exibidos além-fronteira. E o nosso interlocutor afirmou, em plena convicção:

— Não tenho a menor dúvida! Simplesmente, não creio que se possa realizar eficientemente essa troca, fora da política de compensações, que seria regulada e controlada por uma Câmara de Comércio de Filmes europeus. E é fácil de demonstrar a verdade do que digo: a Alemanha, por exemplo, consome, no seu mercado interno, 250 a 300 programas. E produz, anualmente, em período de guerra ou de paz, cêrca de 150. Tem que ir buscar, pois, o restante material ao estrangeiro: à Itália, à Espanha, à Hungria, à Roménia a todos outros países, enfim. Porque motivo haverão de ser excluídos os filmes portugueses?! De resto, digo e repito, *O Pai Tirano* — e falo apenas neste, porque outros não vi — tem motivos e interêsse de sobra, para fazer tanto êxito no meu País, como os filmes espanhóis, italianos ou mexicanos que ali se exibem, com inteiro aprazimento do público.

E com tão lisongeira opinião para a cinematografia nacional, extintos os ecos dos brindes trocados, o Dr. Wiers deu por finda a recepção, tendo-se confessado encantado com a forma como decorrera a reünião e o perfeito conhecimento de todos os problemas cinematográficos revelados, pelos jornalistas portugueses, com quem tivera ensejo de conversar.

FERNANDO FRAGOSO

A Paramount Filmes apresenta brevemente «AS TRÊS NOITES DE EVA» (The Lady Eve)

Uma super-comédia com Barbara Stanwyck, Henry Fonda e Charles Coburn

Charles Pike (Henry Fonda) aborrece-se mortalmente em Connecticut, ali a dois passos de Nova-York, com o Atlântico, qual sereia, a desafiá-lo para uma vida de horizontes mais largos.

Filho mimalho dum riquíssimo fabricante de cerveja, o seu futuro assemelha-se a uma estrada muito recta e muito larga, bem asfaltada, que êle prefere trocar por atalhos difíceis e sinuosos, com a bela aventura a substituir a polícia de trânsito.

Um dia não se conteve mais; juntou-se a uma missão científica que ia explorar as regiões ainda não devassadas do Amazonas.

O cometimento excedeu a expectativa de Charles Pike: longos meses se passaram em luta brava contra os obstáculos que o rio, cioso da sua majestade, opunha aos impertinentes hóspedes.

A civilização perdia, pouco a pouco, a sua ascendência sôbre o rapaz. E enquanto a família se perdia em conjecturas acêrca do seu destino, entregava-se êle ao discutível prazer de coleccionar serpentes.

Por fim a missão deu por terminadas as atribuladas pesquisas, e o jovem milionário embarcou para os Estados Unidos num dos luxuosos paquetes que ligam as três Américas.

Para trás ficava o perigo, a aventura, o imprevisto. A civilização acolhia com as melhores galas, no soberbo barco que era o «Rainha do Sul», o filho pródigo mas não arrependido, embora no íntimo êste sentisse saüdades, ou coisa parecida, da cerveja Pike, duma cama confortável e da presença de raparigas que não besuntassem as cabeleiras com óleos extraídos das florestas sem fim.

A bordo, em contacto com as belezas que seguem o itinerário dos turistas ricos pela mesma razão que os tubarões vão na esteira dos navios, Charles Pike achara-se estranho e quási acanhado, parecendo receá-las mais do que às serpentes que trouxera consigo para provocar a admiração de Connecticut. Perdera o treino das conversas amáveis e fúteis, e quando falava com as raparigas acudiam-lhe de preferência à mente nomes arrevezados de espécies zoológicas do Amazonas.

Na América os arranha-céus e as crianças crescem muito depressa; por isso os homens parecem às vezes crianças, grandes.

O nosso herói era ingénuo, demasiadamente ingénuo para atravessar o convés do «Rainha do Sul» com um livro de cheques na algibeira, o que era façanha mais arriscada do que desbravar a selva, embora êle se comportasse no caso um pouco à maneira do Tartarin nos Alpes...

Evidentemente que havia de caír nas boas graças do «Coronel» Harrington (Charles Coburn), de sua gentilíssima filha, a Jean (Barbara Stanwyck), e de Gerald, um «amigo da família», muito dado a *distraírem-se* com jogos de cartas.

Então o «Coronel» (de que regimento?) fazia das cartas o que queria, e quási sempre o que o parceiro não queria.

Se Charles Pike vindo das florestas virgens lembrava, de certo modo, o avô Adão ao abandonar o paraíso, a Jean guardara de Eva tôdas as qualidades que haviam de ser mais tarde a nossa desgraça.

O *curto-circuito* era inevitável, com a agravante de que desta vez as serpentes, encaixotadas, não estavam em condições de assumir a responsabilidade do que se viesse a dar.

O barco aproximava-se das costas norte-americanas e a Jean viu-se forçada a dar à sua inclinação amorosa o aspecto de guerra-relâmpago, durante a qual o Charles se viu positivamente arrelampado, acabando por se deixar envolver pelos sedutores atributos da adversária, que não ficam aqui discriminados só para não causar inveja ao leitor.

Imaginem o desgosto do pobre milionário quando acabou por perceber que o Harrington era tão coronel como êle, que a Jean, se bem que continuasse a ser encantadora, não merecia aquele amor «que já em olhos meus tão puro viste», e que o Gerald era um mero comparsa na trempe!

Agora, sim, compreendia que a civilização também tinha os seus perigos, os seus imprevistos... e que, sem Jeans, o Amazonas não passava dum pacato riacho.

E coisa estranha: quanto mais bela a Jean acudia ao seu pensamento, mais rancor lhe guardava.

O Shakespeare é que tinha razão — «pérfida como a onda»...

Lentamente Charles Pike foi-se adaptando aos usos e costumes de Connecticut, que tinham o sabor de novidade, e não levemos a mal que se tenha esquecido da Jean.

Ela é que não se tinha esquecido do Charles, da ingenuidade, e do desespêro quando baixou o pano sôbre o último acto da comédia.

Sabia-o na cidade. Ora nos arredores vivia um velho conhecimento do pai, do «coronel», um cavalheiro que usava, talvez com pouca propriedade, o nome de Sir Alfred McGlennan Keith (Eric Blore). Criara excelentes relações no tempo em que ao sabor do licor se juntava o travo especial das coisas proìbidas.

O futuro fabricante de cerveja já nesse tempo mostrava predilecção pelas bebidas generosas, e os Pikes e os Keiths continuaram, depois da revogação da lei sêca, a manter relações amistosas.

«— Mr. Charles Pike».

— «Lady Eva».

O Charles estendeu a mão como um sonâmbulo, virou e revirou os olhos, enquanto Sir Keith se afastava e a Lady se divertia com a situação.

...Mas era a outra! A outra — que também se fartava de ser Eva!...

Não, não podia ser. A Jean era a aventureira (trunfo é oiros!) e aquela a Lady Eva, duma velha e respeitabilíssima família inglesa, com antepassados trucidados pelos zúlus e estabelecida desde 1756 na mesma casa da City.

Mas o homem põe, Deus dispõe, e a mulher predispõe.

E não levou muito tempo que o Charles se sentisse predisposto a achar a Lady a mais encantadora das criaturas, com um pequeno pormenor picante: a sua parecença com a bela do «Rainha do Sul».

Com o mesmo sangue-frio com que caçara serpentes no Amazonas, acabou por cair no laço que lhe armara a estranha mulher.

Levaria muito tempo a contar a atribulada lua de mel que ambos atravessaram, mas a viagem a essas paragens de sonho foi curta, pois que os serões de Connecticut começaram a ser alimentados pelas divergências do casal.

Falava-se em divórcio, que realmente pouco tempo depois começou a correr (na América é tudo feito depressa) os seus minguados trâmites.

O Charles com dois desgostos acumulados não perecia o mesmo, sonhava com damas de copas, figuradas pela Jean e por Lady Eva, e com serpentes que comiam maçãs e só lhe deixavam os caroços.

Resolveu fugir dali, para qualquer sítio, para a selva, onde as mulheres besuntam os cabelos e os bichos não são tão más pessoas como dizem.

Mandou reservar bilhete.

...E só ao embarcar notou, aborrecido, que o barco que o levava de Connecticut era o «Raínha do Sul». E êle que precisava de esquecer!

Mas agora repara: aquela rapariga, aquela figura, aqueles olhos — a Jean!

*

Êste é o argumento da mais estranha e deliciosa combinação: emoção, amor e riso saüdável.

Preston Sturges, o génio de Hollywood, escreveu e realizou «As três noites de Eva» um filme pleno de interêsse que tem como principais intérpretes, três artistas tão queridos dos cinéfilos portugueses: Bárbara Stanwyck, Henry Fonda e Charles Coburn.

«As três noites de Eva», que é um filme da Paramount, estreia-se no EDEN, a seguir ao actual filme em exibição.

Convidamos todos os nossos leitores a não perder a exibição dêste filme considerado dos mais notáveis desta temporada.

A. DE C. N.



Eva tenta Adão, mas sem maçã... Esta é a mais ardente cena passional que se conhece... mas não tem beijos. Barbara Stanwyck fala de amor, porém o atemorizado Henry Fonda descreve-lhe as suas explorações no Amazonas...

PANORÂMICA

«O Pai Tirano» no Pôrto

O primeiro filme da Produção António Lopes Ribeiro, «O Pai Tirano», que em Lisboa atingiu já, no Eden, a 5.ª semana de exibição, estreou-se no Pôrto, no Cinema Águia de Ouro, na passada segunda-feira, 13.

A repercussão do êxito alcançado em Lisboa fez com que o filme fôsse aguardado com enorme espectativa. A lotação da grande sala do Águia encontrava-se literalmente esgotada (o que não é costume nas estreias portuenses, inclusivé de filmes portugueses), cheia por um público impaciente, recrutado em todos os sectores da população da Cidade Invicta.

A forma como o filme foi acolhido dizem-no claramente as gargalhadas constantes e irreprimíveis que acompanharam o desenrolar do «Pai Tirano». E, mais claramente ainda, os resultados obtidos pela bilheteira no decorrer da primeira semana. Como aconteceu no Eden, o «récord» de receitas do Águia foi batido. E é natural que assim continue a suceder durante várias semanas.

Porque se dá com «O Pai Tirano» um fenómeno sintomático: o melhor reclame é feito pelos espectadores que assistiram ao desenrolar dos agitados e picarescos amores do «Chico» e da «Tatão».

Catálogos de filmes

Recebemos, esta semana, três catálogos de filmes para a temporada corrente. Um é da Paramount, que indica os títulos (alguns provisórios) de vinte e uma produções, muitas delas precedidas de fama, dirigidas por nomes famosos e interpretadas por artistas famosos. Entre os realizadores contamos o veterano Cecil B. de Mille, Henry Hathaway, E. Griffith, Victor Schertzinger, George Marshall e William Wellman. Entre os artistas, contamos Paulette Godard, Ray Milland, John Wayne, Betty Field, Dorothy Lamour, John Hall, Madeleine Carroll e Stirling Hayden, Barbara Stanwyck, Henry Fonda, Charles Coburn, Charles Boyer, Victor Francen, Olivia de Havilland, Don Ameche, Basil Rathbone, Gary Cooper e Claudette Colbert. Entre os filmes, citamos ao acaso: «Beau Geste», «A Passagem de Bahama» (colorido), «Uma noite em Lisboa», «O vento selvagem» (colorido), «As três noites de Eva», «Vôo de Águias», «O Castelo Maldito», etc.

Outro catálogo é de Filmes Castelo Lopes que nos apresentará, em 1941-1942, trinta e seis produções, vinte e nove das quais são americanas e as restantes francesas. Das primeiras citamos — sem intenção de preferência — «Arizona», com Jean Arthur; «Segrêdo entre três», com Herbert Marshall; «A canção da saúdade», com Cary Grant; «Os 4 Filhos de Adão», com Ingrid Bergman e Warner Baxter; «Isso a que chamam amor», com Rosalind Russell e Melvyn Douglas; «Salvo da Morte», com Douglas Fairbanks Jr. e outros. Entre os filmes franceses citamos «Escola de Heróis» (Trois de Saint-Cyr), com Roland Toutain; «Nove solteirões», um filme de Sacha Guitry; «A Emigrante», com Edwiges Feuillères, «Um crime misterioso», com a malograda Annie Vernay.

A terceira lista de programação é de Filmes Albuquerque.

Entre os filmes a estrear conta-se «O Filho do Herói» (que mereceu a medalha de ouro da Parent's Magazine) e que tem a particularidade de ser interpretada por Mickey Rooney; «Patrulha no Espaço», com Jackie Coogan, o inesquecível «Garoto de Charlot»; «Segrêdo da Marinha», com Fray Wray e Grant Withers; duas produções com Jackie Cooper; outra com Charles Bickford e Barton Mac Lane; uma comédia musical com Jessie Matthews, outra comédia com Jean Parker, isto sem contar com seis filmes de aventuras, dois em episódios e quatro do Oeste.

Agradecendo a lista que nos foi enviada fazemos votos para que Filmes Albuquerque tenham uma esplêndida temporada.

«Objectiva»

Recebemos o número 28 de «Objectiva», referente ao mês de Outubro e que se apresenta muito bem colaborada. Agradecemos a oferta.

Legendas de pé quebrado

Há anos, o português das legendas dos filmes era de tal ordem que foi necessário empreender uma verdadeira campanha contra semelhante desafôro. Nessa altura, os culpados não eram sòmente os legendistas nacionais ignorantes e incompetentes, mas também os legendistas brasileiros — pois se permitia então que se exibissem em Portugal filmes com legendas feitas no Brasil. O chorrilho de asneiras que desfilava nos «écrans» nacionais era positivamente imponente, tão imponente que acabou por dar nas vistas. E êsse estado de coisas transformou-se, com relativa rapidez. As legendas brasileiras foram proìbidas e os distribuïdores trataram de arranjar, para tradutores, pessoas que soubessem escrever português e que soubessem de facto as línguas que tinham de traduzir.

E deixaram, pràticamente, de aparecer impressos no celuloide os dislates que até aí enxameavam as legendas. Lembramo-nos ainda de alguns que muito nos divertiram, passado o impulso de indignação que a princípio nos causaram: «assiette» traduzido por «guardanapo», «un monsieur décoré» traduzido por «um senhor decorado», «experte» por «esperta», e outras maravilhas.

Durante anos, pôde considerar-se satisfatória a situação, no seu conjunto. E tanto assim que deixámos todos nós, os que escrevemos sôbre filmes, de protestar contra as legendas. E até os especialistas da filologia tiveram muito menos pretextos para as suas rectificações.

Pois bem — o mal volta a aparecer. Já na última temporada surgiram alguns filmes com legendas indesejáveis; mas êste comêço de época trouxe consigo uma ofensiva de tolices que está a tornar-se assustadora. Resolvemos falar já no caso, antes que o problema tome maiores proporções. Mas prometemos desde já retomá-lo tantas vezes quantas forem necessárias.

Vimos há dias um filme de categoria que, logo nos primeiros letreiros, ostenta uma frase em que o sujeito está no singular e o verbo no plural. Qualquer coisa como isto: «Tôda a gente *são* pessoas de bem...».

Pouco depois assistimos à passagem de um filme-anúncio respeitante a certa película em séries. Pois o quarto episódio aparecia intitulado: «O olho impenótico» (sic). *Impenótico* por hipnótico!

Dias mais tarde, tivemos ocasião de ver uma produção cujas legendas são simplesmente lastimáveis. Para se fazer uma ideia, basta citar uma das tolices. Determinada personagem resolve seguir a carreira teatral (ou coisa parecida) e, segundo a legenda sobreimpressa, anuncia aos amigos a sua decisão nestes têrmos: «Optei-me pelo teatro!»

Santo Deus! O Cinema tem o valor duma escola. Infelizmente, nem tôda a gente crê neste axioma, e vai daí, às duas por três, topamos com o caldo entornado.

Vão ao cinema milhares, milhões de pessoas. Para mais, a maioria do público dos cinemas recruta-se entre as camadas populares, as de menor e menos firme cultura. Existem assim imensas probabilidades de que as tolices escritas nas legendas contaminem o público. Não está certo, portanto, que não se cuide dêste problema.

Se os distribuidores não querem saber de desgraças e descuram êsse aspecto do seu negócio, a Inspecção dos Espectáculos deve velar pelo caso, reprovando as legendas que ofendem a nossa língua.

Basta exigir dos legendistas referências satisfatórias e convincentes, quando não habilitações comprovadas. O que tem de acabar, de vez para sempre, é que qualquer bicho-careta possa arvorar-se em legendista, comprometendo o futuro da língua portuguesa e abandalhando com as suas inépcias o espectáculo cinematográfico.

Parece que seria fácil encontrar uma solução completa e definitiva num entendimento entre a Inspecção dos Espectáculos e o Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema. Será impossível pôr em prática esta ideia?

DOMINGOS MASCARENHAS

Os «secundários»... de primeira ordem

CHARLES WINNINGER



Charles Winninger, como decerto já reconheceram, foi o protagonista da «Hora da Felicidade», que vimos recentemente no Tivoli

A saída do cinema, ouve-se sempre, o público falar dêste e daquele episódio, comentar as interpretações dos vários actores nos episódios dos filmes exibidos. Pois nos comentários de saída, freqüentemente, a «parte de leão» cabe aos actores secundários, aos secundários de primeira ordem que o público esquece, por não saber os seus nomes, mas que o público reconhece imediatamente quando os torna a ver na tela. O encontro duma destas caras conhecidas pode dar, logo nas primeiras imagens duma fita, a certeza de que não é tempo perdido aquela ida ao cinema, o que já não acontece com o conhecimento da dama ou galã que por muito correctos actores que sejam — só no fim da fita nos autorizam conclusões. Isto é tanto assim, que os próprios produtores cuidam de satisfazer o gôsto do público e de defender o êxito dos seus filmes com a qualidade dos intérpretes das «personagens de apoio» (que não se chamam «de apoio» por acaso). Um produtor, um realizador, a Greta Garbo ou o Henry Fonda podem-nos chamar a atenção para um filme. Mas um bom elenco de actores secundários, quando de facto é bom revela-nos o cuidado com que se fez a fita e pode garantir-nos um bom espectáculo.

Os leitores compreenderam a ideia de «Animatógrafo» e acolheram com a maior simpatia estas apresentações de velhos «conhecimentos de vista». Depois de Donald Meek, vamos dizer hoje aos nossos leitores quem é Charles Winninger.

Os leitores já o identificaram pelas fotografias que acompanham êste artigo. Lembram-se dêle com certeza, pelo menos desde as «3 Raparigas Modernas» onde Winninger era aquele pai milionário, fantasista, ingènuamente apaixonado, de fúrias esboçadas mas logo desfeitas pelo amor das filhas.

Winninger que precisou desta produção de êxito para se tornar conhecido de vista entre o público já há muito tempo representa e já no Cinema tinha algumas interpretações de valor.

Como tantos outros, em luta contra os preconceitos para satisfazer as suas ambições de artista, Winninger teve uma mocidade acidentada, na sua terra natal a cidade americana de Athens, onde nasceu em 1884.

Os pais deixaram-no experimentar, quando tinha apenas nove anos, uma récita escolar em que Winninger desempenhou um importante papel.

Desde aí, Charles Winninger não soube conter os seus ardores dramáticos e, de questão em questão, quando começava a ser «taludo», depois de tôdas as tentativas pacíficas, resolveu fugir de casa para conseguir ser actor. O primeiro trabalho que arranjou foi uma companhia ambulante de mágicas. Começou, aí, por tocar tambor. Mas depois as suas múltiplas qualidades foram-lhes criando outras situações pois aproveitava tôdas as oportunidades que lhe surgiam, desde que significasse subir um degrau. Transitou para um circo, onde se exibiu como trapezista e depois como cantor e numa dezena mais de especialidades correndo quási todos os cargos. Finalmente conseguiu impor as suas qualidades de comediante e estreou-se com agrado na Broadway em 1909.

Até hoje Winninger interpretou dezenas de filmes. Um julgamento precipitado poderia levar-nos a afirmar que as suas personagens são repetições. Isso não seria verdade. O que há de comum nas criações de Winninger é a sua vincada personalidade inconfundível e inimitável.

Só as suas grandes qualidades de intérprete conseguiriam dar feitios tão diferentes aos seus papéis, destinados, pelas necessidades americanas de série, a serem apenas «chapas» dum «tipo» que tinha feito êxito.

O seu primeiro papel notável no Cinema foi, que nos lembre uma má fita «Magnólia». («Show Boat»). Patenteava aí todo um estilo de representar, riquíssimo de expressão e de movimento, recheado da maior imaginação e fantasia, um estilo em que transparecia a influência do seu passado de circo — sobretudo na cena em que, sòzinho num palco, era obrigado a interpretar, ante uma plateia de província, a maioria dos personagens duma peça.

Esta sua criação, passou ignorada, vítima indirecta da justa indiferença do público pela fita e igual sorte sofreram outros trabalhos seus até à estreia de «3 Raparigas Modernas». O seu papel aí não era nem melhor nem pior que tantos outros. Mas para ver Deanna Durbin era necessário ver a fita e não se podia ver a fita sem deixar de reparar no pai das raparigas. Winninger continuou o papel com o mesmo sucesso em «As 3 Raparigas Cresceram», vincando até, alguns dos pormenores de que se servira na anterior produção. Em «Café Metrópole» e em «Nada é sagrado» a sua acção foi mais uma vez, evidente.

Já quási no final da época passada viram os nossos leitores a sua magnífica colaboração em duas grandes fitas: «A Cidade Turbulenta» e «De Braço Dado».

Dois papéis completamente diferentes, arrancados do anonimato pelo seu grande talento. Ao lado de James Stewart e de Marlène, Winninger interpretava o amigo do «sheriff» morto, do velho Destry cuja reincarnação via no filho. Um velho alcoólico, um «fraca-roupa», tímido com fumaças de valentão que, nomeado «sheriff» por troça resolve «endireitar» uma cidade do Oeste pràticamente nas mãos duma perigosa quadrilha.

São inesquecíveis as suas descomposturas de valentia ao filho de Destry, bem como a sua surprêsa rematada em ataque de alegria quando o filho de Destry se mostrava um valente calmo, sim, mas com uma pontaria do diabo capaz de conter todos os bandidos e mais alguns.

Ao lado de Mickey Rooney, Charles Winninger era um velho actor sem trabalho que não acredita no triunfo dos filhos no palco, porque não acredita que seja, com qualquer género ressuscitar o gôsto pelo teatro, «as velhas noites de glória». O papel tinha traços de autobiografia e Winninger orientou a sua interpretação com muita segurança dando-lhe até uma bem calibrada dose «de dramático» que muito contribuiu para o agrado do filme e para nos acabar de convencer das suas qualidades nos mais variados géneros.

Fiquem os nossos leitores a conhecer pessoalmente Charles Winninger porque êste é dos actores que os estúdios não dispensem, e dos que, só por si, justificam, que, se vá ao cinema, mesmo ver uma fita má.

FERNANDO GARCIA



RONALD REAGANN

É um dos novos com mais possibilidades de chegar a estrêla, segundo afirmam os exibidores americanos, traduzindo a opinião dos frequentadores dos seus cinemas. Ronald Reagann é contratado da Warner Bros.



A vida é um film....
filmar é revivê-la,
em absoluta realidade,
eternamente.....

Imprima movimento, acção, ritmo, aos vossos documentários fotográficos — e terá, assim, a «vida» tal qual ela decorre em cada instante. Um «Ciné Kodak Oito» tudo regista com facilidade, sem perda dum só pormenor. Milhares de pessoas em todo o Mundo têm já o seu «Ciné Kodak Oito» e estão obtendo os melhores resultados. Filmar constitue para elas uma das melhores diversões.

Não perca mais tempo. Adquira já o seu «Ciné Kodak Oito», filme os grandes momentos da vida, e, assim, revivê-la-á eternamente.



Ciné-Kodak 8

O aparelho de filmar para toda a gente

KODAK, LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA.

O QUE É E O QUE SIGNIFICA

«O MUNDO A SEUS PÉS»

O extraordinário documento humano com que ORSON WELLES se estreou no cinema

O filme que vai ser exibido brevemente em Lisboa com o título «O Mundo a seus pés» pertence ao número daquelas raras obras cinematográficas que saiem totalmente da rotina normal dos estúdios e que ficam a marcar datas na história do Cinema. Debaixo de todos os aspectos «O Mundo a seus pés» é *diferente* da produção habitual. A sua concepção, a sua intenção, os processos de encenação empregados, o estilo de representação, até a própria maquilhagem dos actores, são fora do comum, ultrapassam os limites a que o espectador regular dos cinemas está habituado.

É por isso conveniente prestar alguns esclarecimentos sôbre obra de tamanha monta, pois uma pessoa totalmente desprevenida arrisca-se a não encontrar no filme aquele interêsse invulgaríssimo e poderoso que êle realmente possui, como espectáculo, como reflexo da apaixonante fisionomia do Mundo actual, e como obra cinematográfica de altíssimo valor.

Orson Welles apavora os Estados Unidos

No domingo 30 de Outubro de 1938, às 10 horas da noite, os Estados Unidos foram avassalados por uma verdadeira onda de terror. Milhares de pessoas, cidades inteiras, Estados como os de Nova York, Pensilvânia e Nova Jersey, perderam todo o domínio sôbre os seus nervos e mergulharam completamente num dos mais extraordinários acessos de pânico colectivo que se podem imaginar.

Qual a razão de semelhante fenómeno? Uma miragem, apenas.

Com efeito, essa noite era a do «Halloween» — tradição escocesa, seguida nos Estados Unidos, que dedica êsse serão às feiticeiras e às feitiçarias. Um jovem actor e encenador de teatro que se interessava pela rádiodifusão tivera a lembrança de fazer uma reportagem radiofónica de uma imaginária invasão dos Estados Unidos pelos habitantes de Marte. Situou a chegada das hordas astrais perto de Princeton, na Nova Jersey, e compôs todo o seu «divertimento» radiofónico com a mais absoluta preocupação de fidelidade, de «adesão» à realidade — e principalmente sem esquecer aquela verdade que Bernard Faÿ veio a enunciar nos seguintes termos, com magnífica propriedade: «A rádio não é uma fôrça intelectual, mas sim uma fôrça física».

A reportagem do jovem actor foi aceita e transmitida pelas emissoras oficiais. «O resultado foi triunfal e catastrófico. Duma ponta à outra da América, as senhoras idosas desmaiaram, as senhoras novas tiveram ataques de nervos, as pessoas normais foram tomadas de pânico, os homens de bom senso prepararam-se para entregar a alma ao Criador; sòmente os bêbados e os ignorantes, que não sabiam que o planeta Marte era habitado, e os preguiçosos que nunca se haviam interessado por êle, escaparam à angústia que dominou o país».

E a polícia e as outras autoridades viram-se e desejaram-se para que tudo entrasse de novo nos eixos.

Êsse gigantesco *quiproquo* foi possível porque a enorme maioria dos ouvintes de T. S. F. estivera a ouvir uma emissão de «Charles Mac Carthy» — o boneco de Edgar Bergen que decerto conhecem do cinema — e perdera o princípio da reportagem imaginária. E quando começou a ouvi-la, ninguém duvidou da sua veracidade.

Claro está que no dia seguinte os jornais não falavam noutra coisa e tôda a gente andava com um ar um bocado comprometido. O govêrno apreendeu os discos em que a reportagem fôra gravada — e o seu autor passou a ser uma das pessoas efectivamente célebres dos Estados Unidos.

Chamava-se êle Orson Welles e tinha 21 anos. Durante mais algum tempo continuou a trabalhar no palco, com o êxito que se imagina. Pouco depois, há cêrca de um ano, foi parar a Hollywood (era fatal!).

Rodaram algumas semanas, até que se anunciou que Welles ia fazer um filme chamado «Citizen Kane», cujo argumento escrevera (com a colaboração do argumentista Herman Mankiewicz), e do qual seria produtor, principal intérprete, realizador e decorador. Reünidos alguns dos melhores técnicos de Hollywood e actores que Hollywood desconhecia por completo, as filmagens começaram.

E um belo dia soube-se qual era o tema do filme, por qualquer indiscrição ou porque não se podia nem convinha guardar êsse segrêdo por mais tempo. Tal notícia rebentou como uma bomba, que ribombasse por todos os Estados Unidos.

A realidade e a ficção

Orson Welles estava a fazer, nada mais nada menos, do que uma biografia satírica de um dos maiores potentados dos Estados Unidos, de uma das suas grandes figuras: William R. Hearst, magnate da imprensa que revolucionou o jornalismo americano à volta de 1890 e adquiriu uma posição de preponderância nacional, ainda hoje mantida. O prestígio verdadeiramente dominador da sua personalidade, a importância da sua posição, a influência de tôda a ordem que tem exercido, fizeram dêsse irlandês o mais poderoso modelador da opinião pública americana. As suas atitudes contraditórias, a sua desenvoltura política, as excentricidades monumentais que o caracterizam, a sua mania de absurdas grandezas, os seus amores públicos por Marion Davis (para a qual construíu um estúdio, o Cosmopolitan) — tudo isso, deu a êsse jornalista-milionário a mais discutida reputação de todos os Estados Unidos e a popularidade mais larga e mais fiel.

Além disso, Hearst tem sido das personalidades mais temidas da União: os seus 34 jornais, as suas 3 agências noticiosas, os seus 4 sindicatos de distribuïção e venda de fotos e filmes, os seus 5 sindicatos de colocação de artigos e de desenhos, as suas nove revistas (entre as quais a *Good Housekeeping*, a *Cosmopolitan*, o *Harper's Bazaar)* — são uma fôrça de respeito...

Pois Orson Welles não a receou e foi tranqüilamente buscar à vida e carreira dêsse seu compatriota a matéria do seu primeiro filme — não para fazer apenas um filme de escândalo ou um filme panfleto, mas para compor uma obra apaixonante, rica de conteúdo humano e social, documento vigoroso e interessantíssimo que desperta violentamente a curiosidade e o pensamento de tôda a gente que sabe ou gosta de prestar atenção aos problemas do nosso tempo.

E o caso é que Hearst preferiu «ignorar» o filme. No fundo, Hearst não pode deixar de compreender Orson Welles...

Uma obra excepcional

Orson Welles quis ainda que o seu filme tivesse uma encenação à altura do tema que tratava. E assim chamou para colaborar com êle o operador Gregg Toland — o homem que filmou «O Monte dos Vendavais», «Tormenta a Bordo», «A Última Fronteira»; o compositor Bernard Hermann, que escreveu o notabilíssimo acompanhamento musical do filme; Van Nest Polglase, o *art-director* da R. K. O., a quem se devem as extraordinárias decorações e cenários da película (vão ficar célebres os de «Xanadu», o palácio de Kane, réplica da fabulosa vivenda que Hearst possui na Califórnia).

Mas Orson Welles contou principalmente consigo próprio. E não fez mal — porque a realização do filme tem coisas admiráveis, verdadeiramente surpreendentes, notáveis debaixo do ponto de vista puramente cinematográfico e notáveis como concepção espectacular.

Orson Welles revela-se aos 24 anos um espantoso *autor* de cinema — depois de ter dado que falar de si na rádio e no teatro. Mas há ainda uma faceta da sua personalidade que é preciso salientar: o seu extraordinário talento de actor. A criação que fez do Cidadão Kane é das coisas mais impressionantes que se têm conseguido em matéria de interpretação cinematográfica. — A. M.



Uma das cenas capitais de «O Mundo a seus pés», em que Orson Welles intervem ao lado de Dorothy Comingore, que, no seu babilónico palácio, se aborrece, passando os dias a compor um «puzzle»

UM EDITORIAL DE «PRIMER PLANO»

«A BANCA E O CINEMA»

Num dos seus últimos números a excelente revista cinematográfica de Madrid «Primer Plano», publicou um magnífico editorial, de certo escrito por Manuel Augusto Garcia Viñolas, seu director, no qual é superiormente tratado o problema importantíssimo das relações entre a Banca e o Cinema, tão inexistentes em Espanha, no plano em que deviam existir, segundo se verifica por êsse artigo, como em Portugal.

A sua transcrição na íntegra justifica-se assim, inteiramente.

Ao longo da história do Cinema espanhol — desde que, em 1897, o invento de Lumière foi importado pela Espanha até hoje, quando possuímos já uma cinematografia em marcha, com um volume de produção muitíssimo apreciável — a intervenção da Banca no Cinema não se avista de forma alguma. A Banca — é esta a verdade — não reparou ainda nele nem no esfôrço considerável dos que o criaram com a sua iniciativa pessoal, ano após ano. Saiu o cinema da sua pré-história; começaram a funcionar entidades e firmas; chegou ràpidamente a nossa indústria do Cinema a uma situação de grande apogeu comercial; conseguiram-se cifras verdadeiramente respeitáveis, em Espanha e na América. No entanto, a Banca continuou absolutamente rebelde a esta classe de actividades, sem dar ao nosso Cinema o enorme impulso que dela necessitava. Uma decisão de uns quantos senhores reünidos num escritório, teria feito, em variadíssimas ocasiões, um bem considerável ao nosso Cinema e ao nome da Espanha perante o Mundo. Não se fizeram pela Banca nem a grande Emprêsa, nem os grandes Estúdios, nem a rêde de distribuïção hispano-americana que está ainda por fazer e que é preciso organizar com decisão e os recursos indispensáveis, convertendo-a num núcleo eficacíssimo e decisivo para o contacto espiritual entre a Espanha e a América. A Banca desdenhou tão importante missão.

Parece, no entanto, que os Bancos existem para colocar dinheiro, para ajudarem a forjar as grandes indústrias de um país e para pô-las em marcha quando os resultados se consideram comerciais. Chegou o Cinema a ser um negócio, de benefícios não igualados noutras indústrias em que o capital nunca pensa na sua amortização e se contenta com um benefício pequeno, ainda que seguro, num tipo de inversão de capital que é tradicional nos nossos costumes, e nem assim se decidiram os Bancos. Para êles, o Cinema é um negócio boémio e que não merece confiança. Prova-se que uma película nacional bateu todos os limites de permanência num cinema importante, demonstra-se e volta a demonstrar-se que um filme de custo aproximado de um milhão e meio de pesetas está garantido em plena filmagem; e ante estes factos os nossos banqueiros continuam surdos e mantêm a sua atitude de cepticismo pelo Cinema, condenando-o com a sua indiferença. Porquê? Por mêdo de um mundo que desconhecem? Pelo terror de serem enganados? de serem vítimas de «chantage»? É ingénuo crer que a Banca caminha segura por todos os caminhos. Rodeando-se de elementos competentes e sãos da profissão — e não de loucos, de imbecis, ou de intrujões internacionais (pois já houve produtores dêsse jaez) — evitava o perigo.

Que deteve, pois, a Banca, para que nesta altura não se tenha ainda invertido no Cinema capital suficiente para estabelecer uma produção ao nível do nosso considerável mercado e da difusão do nosso idioma no Mundo?

Houve de facto essa razão apontada de que as esferas do Cinema se viram freqüentemente contaminadas pelo «gangster», pelo audaz ou pelo inteligente pouco escrupuloso (pois se disse já, e com razão, que no Cinema são espertos até os que vendem «sandwiches» nos estúdios), e, enfim, por tôdas essas personagens que se misturaram sempre, em todos os climas cinematográficos, com os verdadeiros trabalhadores do Cinema.

Não pode porém existir senão essa razão, e compreendêmo-la sobejamente; mas a boémia passou, vieram as Emprêsas solventes e acreditadas, com publicidade de tipo americano e produção permanente — e a Banca ainda não sancionou favoràvelmente o Cinema, e é a altura de dizer que se equivocou de um modo tremendo e que com a sua omissão deixou de prestar um alto serviço à nossa Pátria.

A Banca nunca se desinteressa dêstes assuntos. Possui minas, emprêsas, caminhos de ferro; tem dinheiro colocado em posições duradoiras e seguras, sem risco algum, e, ainda que os Bancos estejam cheios de dinheiro que deve ser colocado inteligentemente, não considera elegante aventurar-se nestes terrenos onde a Banca de outros países criou um fabuloso estaleiro que inundou o Mundo de películas e de propaganda.

E se era lógico êsse retraimento quando o Cinema era uma promessa, agora é insensato, quando o Cinema é uma realidade, quando os nossos filmes são premiados em Venesa, quando os nossos trabalhadores surpreendem pela sua perícia nos estúdios estrangeiros, quando há milhares e milhares de famílias que vivem do Cinema, e quando há um Estado que vigia a produção e a encaminha devidamente, diminuindo com essa fiscalização os riscos do produtor. E, sobretudo, quando no Mundo existem os exemplos da Banca Cinematográfica Alemã ou do Banco do Trabalho em Itália, que estimulam, financiam e garantem o produtor que carece de capital.

É sabido que, quando se fala com pessoas conhecidas da nossa Banca sôbre a questão do Cinema, se ouvem as opiniões mais peregrinas que podem imaginar-se, como se a Banca, em vez de estar atenta a tôdas as palpitações da vida económica nacional, estivesse em latitudes muito remotas. E, salvo algum caso excepcional (é de citar o dos actuais estúdios de Chamartin, patrocinados por um grupo de banqueiros entusiastas, que constituem um brilhante e juvenil exemplo), a Banca não intervem no Cinema senão no aspecto corrente do empréstimo de dinheiro. Quere dizer: os banqueiros afirmam sempre estar dispostos a ajudar com créditos um filme começado com as garantias necessárias e indispensáveis a estas operações.

Porém, ainda que pese a êsse retraímento, o Cinema é uma indústria em que se obtêm correntemente benefícios de cem por cento, se não se sobrecarregar a produção com despesas disparatadas ou com cargos hiperbólicos; isto é, pensando inteligentemente e orçamentando uma película com a cabeça.

Se um filme, realizado com algum dinheiro «de verdad» e cré-

Garbo e Mickey

juntos no mesmo filme!



«Animatógrafo» conseguiu o milagre de obter a primeira fotografia do filme de Garbo e Mickey, antes de ter sido começado... Esperamos que os nossos leitores apreciem êste «tour de force»!

Vamos ver Greta Garbo e Mickey Rooney lado a lado! A «Divina» vai contracenar com o prodigioso jovem que, desde «O Sonho duma Noite de Verão», impôs o seu valor de comediante.

A notícia chega-nos do outro lado do Atlântico, resumida, sêca, limpa de pormenores. Sabe-se apenas que Pasternak, o homem que deu celebridade a Deanna Durbin, mal começou a sua actividade na Metro Goldwyn Mayer, pensou numa união cinematográfica da actriz mais célebre com o actor mais popular.

O filme em que aparecerão reünidos ainda não está, segundo parece, escolhido. Antes de actuar ao lado do famoso criador de «Andy Hardy», a «Divina» interpretará, como «Animatógrafo» já informou, a comédia «Gémeas».

REALIZADORES DE SONHOS:

Harman e Ising



Rudolph Ising e Hug Harman examinam o cenário aguarelado dum filme de desenhos animados, technicolorido

Tem-se falado muito de Walt Disney e quási tôda a gente esquece os seus competidores, como se muitos dêles não tivessem o merecimento necessário para emparceirar com êle na galeria dos realizadores de sonhos. Se Disney é, de facto, a cabeça da maior organização industrial empenhada na produção de fitas de desenhos animados, nem por isso outros deixam de o igualar em talento e imaginação. Estão nesse caso Hugh Harman e Rudolf Ising, o segundo dos quais foi, na última votação da Academia Americana, premiado por ter feito a pequena obra-prima intitulada «Leitaria Celeste» (The milky way).

Embora nada se possa comparar com o «Pato Donald» de Disney—nem mesmo com o marinheiro Popeye de Fleisher — Harman e Ising contam, no rol das suas criações, com Papa Bear de «Um dia de Chuva» (A Rainy Day), que é uma prodigiosa caricatura de Wallace Beery — que já de si é uma caricatura de gente.

É também Walt Disney o «recordman» dos filmes de grande metragem, género «Branca de Neve» «Pinocchio», etc.; mas isso não deminui o valor dos seus concorrentes. Em nossa opinião, os desenhos animados, a despeito de êxitos registados já com os de grande metragem, são mera curiosidade. O seu lugar é no quadro dos complementos de programa... antes do primeiro intervalo. Não queremos arvorar-nos em profetas, mas a verdade é que o público fatigar-se-á dos filmes desenhados, feitos para «base» de programa.

É essa a principal razão porque Harman e Ising não desejam sair dos complementos de «uma parte».

Harman e Ising são tão velhos como os próprios filmes de desenhos, depois do advento do «colorido». Mágicos aproveitadores do arco-iris, as suas obras são, sobretudo, maravilhosos espectáculos visuais. Quem viu «A Lenda do Danúbio Azul» (The Blue Danube), «Um vitelo atrevido» (Home on the Range) e, por último, «Dance of the weed», não deixará de concordar com esta opinião.

Urge esclarecer que o verdadeiro poeta, o criador dêsses lindos sonhos em «tecnicolor», é Rudolf Ising. Hugh Harman é menos poeta, embora mais garrido e — porque não? — mais divertido. São dêle «Orquestra de Perús» (Tom Turkey), «Cavalarias Altas» (Gallopin'gals), «Sem Eira Nem Beira» (The Homless Flea), «Romeu Trovador» (Romeo in Rithm), e tantos outros, em que a veia cómica suplanta a poética.

Cada qual no seu género, por vezes Hugh e Rudolf completam-se. Raras vezes trabalham em colaboração; ou melhor: — desistiram, quási por completo, de trabalhar em comum. Hoje em dia, são independentes um do outro e apenas se juntam quando estão claramente de acôrdo, o que — diga-se em abono da verdade — raras vezes acontece...

O principal pomo de discórdia está na veia poética de um e na tendência para a crítica irónica do outro. Fora do trabalho, dão-se às mil maravilhas. Tem uma biblioteca comum e ambos lêem os mesmos livros de psicologia, de filosofia em geral e de sociologia — assuntos em que poucos lhes levam a palma.

Hugh Harman prefere trabalhar sôbre caricaturas de animais. Dizer que, assim, é mais fácil caricaturar a própria vida. O espectador, ao princípio surpreendido com um mundo imaginário, acaba por identificar as figuras e as suas reacções, estabelecendo um paralelo com figuras e factos da vida real.

«Um animal — diz Hugh — presta-se a tudo, isto é, à caricatura que faz rir e às atitudes que fazem pensar. Quem faz desenhos animados tem, assim, nos animais, uma espécie de espingarda de dois canos, com a qual pode matar dois coelhos com um só tiro».

Ising, por sua vontade, só cuidaria de animar o inanimado ou aparentemente inanimado. A sua tendência para mover objectos e coisas paradas sente-se em tôdas as suas fitas. Os três macaquinhos de barro, o Nero de mármore da «Galeria de Museu» e as flôres de «Dance of the weed» — tais são as suas predilecções.

«Os desenhos animados — dizem Ising e Harman, desta vez de acôrdo! — destinam-se a tratar assuntos fantásticos, de mundos irreais, com os quais a figura humana é incompatível. A esta está reservado um brilhante futuro nas outras fitas, as do cinema «a valer». Nós, nos estúdios dos desenhos animados, limitamo-nos a ser «realizadores de sonhos» — sonhos maravilhosos, a maior parte dos quais são soluções ideais de problemas sociais sem solução».



Ising dá sugestões a dois dos seus assistentes para uma cena do seu filme «The little goldfish»

dito, chega ao seu fim, e, mercê do produto da concessão para a sua exploração em Espanha, adiantado pela casa distribuidora, está em condições de ser amortizado em breve prazo, revolucionando todos os princípios económicos, base dos negócios correntes (por vezes todo o rendimento do exterior tem sido lucro líquido sôbre o capital investido), ¿que resultados não te teriam obtido com um plano de produção vasta e contínua, com grandes estúdios próprios, dispondo de «équipes» completas de técnicos e artistas, tão consenciosamente como se exploram minas ou caminhos de ferro? Isso devia tê-lo realizado a Banca com o seu grande prestígio, e hoje o nosso Cinema ter-se-ia imposto na América, com os conseqüentes resultados políticos e económicos de obtenção de divisas.

Algumas vezes aconteceu que pessoas meretíssimas e honradas, com relações nos Bancos, criarem estúdios, forjando indústrias que marcham hoje com tôda a prosperidade. Tão pouco serviu êste exemplo.

Agora é tarde, e o Cinema segue, felizmente, com passo seguro. O produtor de cinema costuma ser agora um homem moderno, um comerciante empreendedor, inteirado dos problemas que não podia conhecer ràpidamente e que não teme os miasmas.

E êste produtor é o que ganha e o que deve a essa omissão da Banca os seus pingües lucros e o seu êxito pessoal na vida. Agora já o Cinema não necessita de todo da Banca ainda que seria mentira negar que lhe poderia fazer muito bem, e está à cabeça das indústrias do nosso país. Mas queda patente e indelével a atitude dos banqueiros espanhóis, cego e surdos ante uma das realidades mais brilhantes que existem à sua volta, e que deixaram escapar por falta de iniciativa e de largueza de vistas.

Em Portugal tem-se passado exactamente a mesma coisa, e por isso podemos fazer nossas, em relação à Banca portuguesa, as palavras justas e justiceiras que Garcia Viñolas dirige à Banca espanhola. Fazemos esta afirmação sem esquecer de forma alguma a diferença de horizontes que existe entre o cinema nacional e o cinema espanhol. Mas, graças a Deus, um filme não custa em Portugal o mesmo que custa em Espanha: com o milhão e meio de pesetas a que se refere o director de «Primer Plano» podem fazer-se entre nós duas películas, e não uma apenas. E além disso, também o mercado português de filmes não está circunscrito pelas nossas fronteiras.

Por tudo isso, e também porque o cinema nacional entrou já na fase de metodização e continuïdade a que chegou o cinema espanhol nos ultimos tempos, o artigo de Garcia Viñolas tem inteira aplicação entre nós.

Oxalá, pelo menos, se encontre também na Banca portuguesa a correspondência daquele grupo de banqueiros espanhóis, entusiastas e juvenis, que é acima citado como excepção e como exemplo.

Duas grandes produções distribuidas por FILMES CASTELO LOPES

«ESCOLA DE HEROIS»

e «O homem que procura a verdade»



Roland Toutain e Jean Mercanton, dão-nos o exemplo do valor e da lealdade dos alunos de Saint-Cyr

O leitor decerto se recorda de ter lido, nas nossas publicações de cinema, que os franceses haviam produzido um filme intitulado «Trois de Saint Cyr», glorificando a famosa escola militar da da França. Pois, «Trois de Saint-Cyr» veio a Portugal na tela do Condes. Foi-lhe dado o título de «Escola de Heróis» — que está perfeitamente justificado. «Escola de Heróis», filme realizado com o concurso do exército francês, conta-nos uma história emocionante e que dá ensanchas a artistas de nomeada como Roland Toutain, Jean Mercanton e Jean Chevrier estadearam os seus recursos histriónicos. «Escola de Heróis» constitui a bem dizer uma epopeia, uma aventura apaixonante, um filme onde se enaltece a mocidade e a bravura — como a Imprensa diária reconheceu. A acção, decorre, em grande parte, nos confins do deserto da Síria, no pôsto de Abukadôr. Naquela região, nota-se grande efervescência. Diante das notícias alarmantes recolhidas pelo comandante, o Estado-Maior decide enviar um grupo-móvel cuja presença acalmará, sem dúvida, os espíritos.

Um tenente de «Spahis» (tropas do deserto) chega a Beyrouth exactamente no momento em que os acontecimentos se precipitam. Os três amigos e camaradas da famosa escola de Saint-Cyr encontram-se envolvidos pela tragédia. O pôsto T. 7 do «pipe-line» (tubos condutores do petróleo) está ameaçado. Um verdadeiro exército de árabes inicia o ataque. A situação torna-se crítica. Os rebeldes cercam T. 7 e fazem explodir as munições ali armazenadas. Abukadôr recebe um angustioso pedido de socorro, pela T. S. F., mas logo se faz o silêncio... Que se teria passado?

Como vêem, «Escola de Heróis», que interessou Lisboa, é um filme emocionante, de fundo dramático, que entretem pelos romances de amor dos três camaradas de Saint-Cyr e empolga nas cenas do deserto em que o realizador nos faz assistir a formidáveis combates, com auto-metralhadoras, carros de assalto, artilharia e cavalaria da Legião Estrangeira.

Além dos actores já citados, intervêm neste filme os seguintes artistas, todos êles conhecidos e apreciados pelas nossas platéias: Paul Amiot, Jean Worms, Hélène Perdrière e Léon Bélières, cujas interpretações são excelentes.

O argumento é da autoria de Paul Fekété — um mestre do género — e a fotografia de Marcel Lucien.

«O Homem que procura a verdade», drama francês, de Pierre Wolf, e distribuído entre nós também por Filmes Castelo Lopes, embora dum género totalmente diferente, possui todos os elementos necessários para agradar sem reservas.

Raimu — o inesquecível Raimu — Alame, Jacqueline Delubac, Jean Mercanton, Tramel (um actor injustamente quási desconhecido do nosso público, que o viu, há muitos anos, na «Madrinha de Charley»), Jean Tissier, Suzanne Debelly e Yvette Lebon têm interessantes criações nesta obra, ora dramática, ora cómica e que encerra um romance espantoso e invulgar.

A história — que não queremos desvendar — mostra-nos um banqueiro rico e que vive extraordinàriamente feliz enquanto ignora as falsidades de sua amante, de sua família, dos seus amigos, e logo se torna tràgicamente infeliz quando tem conhecimento da verdade.

Por aqui se pode avaliar — embora pàlidamente — o que poderá ser êste filme.

Raimu — o banqueiro — passa fàcilmente duma situação humorística para um momento trágico com uma habilidade surprendente. O público, quando atinge o auge do riso, é violentamente coagido a sentir-se amargurado e desolado, ou, quando está contristado, é sùbitamente forçado a rir a bandeiras despregadas, numa transição desconcertante e magistralmente realizada.

Só para ver Raimu vale a pena assistir à projecção dêste filme.

Raimu — na circunstância o sr. Vernet — tinha 20 anos quando começou a trabalhar, ao lado de Lamblin, naquele Banco de que êle (Vernet) é agora gerente. (Reparem que não estamos a contar a história).

Em Vernet despertava grande entusiasmo o movimento dos negócios, os grandes esforços que se devem fazer para se alcançar o êxito e tudo o que significa vida e movimento, enquanto que Lamblin, mais tranqüilo, aspirou ao lugar de caixeiro e, uma vez que o alcançou, nunca mais o abandonou.

Todavia, o gerente e o seu actual empregado, continuam tão unidos por um grande afecto como nos dias da sua mocidade.

O Banco de Vernet tornou-se universalmente conhecido. No desempenho das suas funções, Vernet é um homem recto, honrado e escrupuloso; mas assim que sai da sua casa de trabalho pode dizer-se que até muda de carácter e sofre uma grande transformação já que na sua residência — um autêntico palácio — se torna afável e demonstra grande prazer em disfrutar as belezas que a vida encerra.

As críticas que lêmos no «Paris Soir», no «Excelsior», em «Le Journal» e «Le Figaro» são muito favoráveis ao filme. Por isso o recomendamos como sendo uma das mais graciosas produções francesas da actualidade.

C. M.



Pauline Delubac, Jean Mercanton e o incomparável Raimu são os protagonistas de «O homem que procura a verdade»

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, «ANIMATÓGRAFO» chama a atenção do público para o que nêle merece atenção especial

«AS CINZAS DO PASSADO» (SIF)
— A interpretação de BETTE DAVIS, da qual destacamos a cena da despedida do filho.
— A fotografia de HALLER, nas imagens de abertura do filme até a seqüência do cemitério.
— O acompanhamento musical de STEINER.

«A VIDA DE EDISON» (M. G. M.)
— O argumento de DORE SCHARY e HUGO BUTLER, planificado por TALBOT JENNINGS e BRADBURY FOOTE.
— A realização de CLARENCE BROWN.
— A interpretação de SPENCER TRACY.

«ESCOLA DE HERÓIS» (Filmes Castelo Lopes)
— A ideia da queda da bandeira que vem servir de mortalha ao oficial morto.
— A interpretação de ROLAND TOUTAIN, JEAN MERCANTON, JEAN CHEVRIER e HÉLÈNE PERDRIERE.

«NO QUE PENSAM AS MULHERES» (Sonoro Filme)
— O espírito de LUBITSCH.
— A graça dos diálogos de OGDEN STEWART.
— As interpretações de MERLE OBERON (Jill) e MELWYN DOUGLAS (Larry) e a composição de BURGESS MEREDITH (Sebastian).

«O FAUNO E A NINFA» (M. G. M.)
— Desenho animado de RUDOLF ISING.

«O PAI TIRANO» (S. P. A. C.)
— Por ter atingido a 5.ª semana de exibição, no Eden Teatro.

«OPERETA» (Portugal Filmes)
— A encenação de WILLY FORST.
— A seqüência da interpretação da «Fledermaus» de Strauss, no restaurante.
— As decorações de todo o filme.

«QUAL É O MEU MARIDO?» (Filmes Alcântara)
— A corrida das quadrigas e os truques da duplicação de actores.
— A canção «This Can't be Love» de RICHARD RODGERS, cantada por ROSEMARY LANE.

«Escola de Herois»

(Trois de St. Cyr)

Têm alguns argumentistas franceses a preocupação de estenderem excessivamente as suas histórias. Paul Fekété é sem dúvida um dêles. A história de *Trois de St. Cyr* — três homens que se conheceram na Escola Militar de St. Cyr e que ficaram amigos pela vida fora — é um exemplo flagrante do que dizemos. O argumento é demasiadamente longo, prejudicando tôda a obra. Há, durante grande parte do filme a suspeita, como aliás o título parece confirmar, de tratar-se duma exaltação ao espírito de camaradagem e heroicidade dos internados de St. Cyr. Mas, a imagens tantas, tudo se embrulha, para dar ao espectador a impressão de que se trata duma epopeia destinada a exaltar os heróis franceses. No final, porém, ficamos cientes de que o final não passa dum folhetim quási interminável, com altos e baixos e sem grande interêsse.

Paulin, o realizador, não procurou evitar o excesso de argumento para uma metragem normal e aproveitar tôda a miscelânea que Fekété escreveu encenando o filme de modo a despachar o mais ràpidamente possível tôdas as cenas sem atender à lógica.

Roland Toutain, Jean Mercanton e Jean Chevrier nos três camaradas, Hélène Perdriere, Léon Bélières e outros artistas formam o elenco que interpretou o melhor que lhes foi possível a história de «Escola de Heróis».

Os décors de Magniez e Gabutti sóbrios como convinha à acção.

Marcel Lucien, que fotografou todo o filme, tem alguns momentos notáveis que atestam os seus conhecimentos fotográficos.

Por último desejamos lembrar uns momentos do filme, que consideramos excelente. Referimo-nos ao ataque dos árabes ao fortim e a morte do oficial a que a bandeira nacional, caída do pau, vem servir de mortalha. — J. M.

«Qual é o meu marido?»

(The boys from Syracuse)

George Abbot, comediógrafo e empresário teatral americano, extraíu da peça de Shakespeare «A Comédia dos Erros», uma opereta fantasista que fez bastante êxito na Broadway. Dessa opereta foi pouco depois extraído êste filme, no qual só a base do enrêdo recorda a obra do genial autor do «Sonho de uma noite de verão». Refiro-me aos «erros» provocados pela existência de dois pares de gémeos, ignorada até às últimas cenas por quási tôdas as personagens. Êsses *quiproquos* ainda constituem boa parte da matéria espectacular do filme — mas não são já a principal. A verdadeira base do espectáculo está na exploração dos anacronismos mais crassos, feita com excessiva insistência e com falta de medida que chega a ser contraproducente. Essa verdadeira inflacção do mesmo efeito constitui, no entanto, motivo de agrado — se é que as gargalhadas que provoca querem dizer alguma coisa.

O processo usado foi afinal o mesmo que já vimos na «Vida Privada de Helena de Troia», em «O Marido da Amazona», em «O Tio Sam na côrte do Rei Artur» e em «Os Deuses divertem-se». Mas não souberam — ou não quiseram — empregá-lo com a subtileza, a leveza de mão com que o utilizaram nos três primeiros filmes citados. Por isso «The boys from Syracuse» está mais próximo da produção germano-francesa que recordei em último lugar, do que dos três outros filmes americanos.

A encenação foi confiada a um grupo de técnicos de valor, chefiado pelo realizador Edward Sutherland. De todos êles soube distinguir-se especialmente Richard Rodgers, autor das canções; duas delas são óptimas sem favor: «Falling with Love with Love», cantada por Allan Jones, e principalmente «This Can't be Love», cantada por Rosemary Lane.

São de notar ainda os truques do filme, dirigidos por John P. Fulton, que obteve esplêndidos efeitos nos planos em que aparece o mesmo actor duas vezes. A corrida das quadrigas é talvez o melhor momento da realização.

Os intérpretes são Allan Jones e Joe Penner (nos duplos papéis), Rosemary Lane, Irene Harvey, Martha Raye, Charles Butterworth, Alan Mowbray, Eric Blore, etc. — D. M.

«Opereta»

Willy Forst não é desconhecido do público português. Basta lembrar a «Sinfonia Incompleta» e «Mascarada», para que a sua identificação fique completa.

Esta produção da Wien Film, apresentada pela Tobis de Berlim, é a sua última obra, concluída recentemente. Forst continua fiel à sua Viena e ao espírito vienense. E continua senhor daquelas faculdades invulgares de encenador que o impuseram logo nos seus primeiros filmes.

O argumento de «Opereta» prejudica-se por uma ambição desmedida: meter em duas horas de espectáculo cinematográfico um assunto que, para ser bem desenvolvido, precisava do dôbro de celuloide. Além disso, a planificação não é impecável, apesar de terem encontrado por vezes soluções excelentes de ligação e exposição.

A encenação de Willy Forst é magnífica, excepto, quanto a mim, no capítulo da marcação das cenas, que por vezes desejaria mais ágil. Uma seqüência se destaca em todo o filme: a interpretação da «Fledermans» de Johann Strauss no restanrante «A Caverna do Tigre». Não se pode fazer melhor, como composição, filmagem e montagem. O grande «travelling» da valsa na casa de campo, do Conde Esterhasy, merece também referência especial.

Tôda a parte musical do filme é magnífica. Para se fazer uma ideia do que seja basta dizer que se compõe dos melhores trechos das mais célebres operetas vienenses, tocados pela Orquestra Filarmónica de Viena.

Willy Forst, que interpreta também o protagonista, representou com desenvoltura e naturalidade. O principal papel feminino é desempenhado por Maria Holst, linda mulher e cantora consumada. Paul Hörbiger tem em Girardi mais uma excelente interpretação, nos seus moldes habituais — e Leo Slezak fez do seu Suppé uma magnífica composição.

As legendas, insuficientes e mal redigidas, prejudicam bastante o filme junto do público português. O mesmo direi da projecção, que precisa de ser afinada, quer no aspecto imagem quer no aspecto reprodução de som.

Seria conveniente também que dos programas constassem o máximo de indicações sôbre o filme, os seus técnicos e os seus intérpretes. — D. M.

«No que pensam as mulheres»

(«That uncertain feeling»)

O nome de Ernest Lubitsch é, só por si, quando assina uma fita como produtor e realizador, garantia de que «alguma coisa» existe nessa fita que valha a pena. É freqüente haver originalidade, cenas de marcações curiosas e bom cinema. Mas, mesmo quando estas qualidades não se salientam grandemente, duas coisas há que nunca falham: muito espírito e actores bem dirigidos.

«No que pensam as mulheres» está longe de ser uma obra das melhores de Lubitsch. Mas é uma

daquelas fitas em que não faltaram actores bem dirigidos e graça espirituosa às carradas. Lubitsch, aliás, não deve ter pretendido outro resultado porque escolheu para argumento desta sua produção um conflito banal, trabalhado já de diversas maneiras em muitas outras fitas, muitas peças, novelas e romances. Repete-se a eterna história do «casal feliz» em que o marido sempre ocupado e preocupado com os seus negócios, não dá à esposa a «assistência» de futilidades que ela julga indispensável. Um «terceiro», que não tem mais nada que fazer, aparece e tudo corre perigo. O marido, porém, que é sujeito avisado, manobra para recompor as coisas que chegam à beira do divórcio... e tudo acaba em bem, como não podia deixar de ser.

Além do conflito ser vulgar sente-se, através de tôda a fita, a sua estrutura teatral. O argumento cinematográfico, com efeito, é de Ogden Stewart, extraído duma peça onde não havia possibilidade para grandes alterações de acção. O notável, o brilhante, porém, é que duma peça com um conflito banal se arrancou uma fita com estupendas situações, recheado com um diálogo cheio de graça, de espírito mordaz e de seguro efeito.

É principalmente a esposa ociosa com os seus soluços, com os conselhos das amigas e o médico psicanalista, e o «terceiro», pianista falhado e maluco, adorado como grande génio da arte que fornecem os melhores motivos, para a «pândega» que Lubitsch faz à volta das sensibilidades histéricas e dos «grandes incompreendidos». Da crítica da pintura moderna feita com o «gôzo» do retrato futurista de Alexander Sebastian arrancou Lubitsch algumas das melhores gargalhadas.

Merle Oberon achou e interpretou muito bem o ar «snob» e cansado de não fazer nada, que convinha à Esposa. Ela e Melvyn Douglas que com a sua habitual presença interpretou muito bem o «espôso» quási atraiçoado. Burgen Meredith foi o louco pianista. Só a sua figura serve a personagem a maravilha. À figura acrescentou êle alguns pormenores da sua lavra que resultaram, embora por vezes se sinta que não tirou todo o partido que certas situações podiam oferecer. — F. O.

«A vida de Edison»

(Edison, the Man)

Compreende-se perfeitamente que os Estados Unidos venerem Thomas Edison como uma das suas grandes figuras, pois o grande inventor contribuíu como poucos para dar ao seu país a sua actual fisionomia. Além disso, a «filosofia» de Edison ajusta-se perfeitamente aos conceitos filosóficos que caracterizam a nação americana: fé no progresso, confiança na prosperidade indefinida, e outros ideais semelhantes, todos baseados no axioma utópico do «homem bom». A par disso, havia em Edison uma ambição muito americana de ganhar dinheiro, ao serviço da qual punha um constante e ardoroso gôsto pelo trabalho. Por tudo isto, Edison é uma figura que os americanos sempre «sentiram» e compreenderam.

O filme de Clarence Brown, que se pode chamar uma biografia apologética, traduz na perfeição tudo o que atrás apontei.

Assente num argumento magnificamente composto (história original de Dore Schary e Hugo Butler, planificação de Talbot Jennings e Bradbury Foote), a realização de Clarence Brown aparece como um dos seus melhores trabalhos; a sua segurança habitual e a sua proverbial sobriedade de efeitos renderam tudo quanto podiam render, aplicadas a um assunto sério como êste. O tom geral do filme é talvez a sua maior qualidade — e isso deve-se decerto principalmente ao encenador. Brown evitou mais uma vez os efeitos de fantasia aparatosa, e teve neste caso mais razão do que nunca em o fazer. Conseguiu assim dar ao seu filme um ar de convicção e seriedade que domina completamente o espectador.

Pode dizer-se que todos os episódios foram excelentemente tratados e por isso todos resultam em cheio. É por isso difícil destacar êste ou aquele, mas não quereria deixar sem referência a forma como é dada a invenção da lâmpada eléctrica. Talvez haja quem acuse êsse trecho de longo demais; a verdade é que se evitou assim o artificialismo em que se cairia fatalmente doutra forma.

A interpretação é, como sempre, admirável. Mas Spencer Tracy domina por completo todos os outros artistas. Não se pode dizer que o seu papel apresentasse grandes dificuldades; Spencer Tracy, porém, interpreta-o de tal maneira que consegue transformá-lo num grande papel.

É de destacar a sua composição de Edison octogenário. Se o arranjo da cabeça se deve especialmente ao caracterizador Jack Dawn, a transformação da voz é obra de Tracy, e só dêle.

Dos outros intérpretes há que citar Rita Johnson, Gene Lockhart, Charles Coburn, Lynne Overman e Felix Bressart.

Entre os complementos dêste programa figura um desenho animado de Rudolf Ising «O Fauno e a Ninfa» *(Dance of the weed)* que é uma perfeita maravilha. Ising é, sem dúvida, o único realizador dêsse género de filmes que pode competir com Walt Disney. — D. M.

«As cinzas do passado»

(That certain Woman)

Os filmes de Bette Davis são sempre grandes filmes. Não interessam apenas ao grande público, sempre sôfrego de assistir aos admiráveis «solos» dessa extraordinária «virtuose» cinematográfica. O seu âmbito de interêsse envolve também aquela meia dúzia de cinéfilos que sabe compreender a ironia dos irmãos Marx ou a humanidade de «Raparigas de Uniforme», mesmo quando a «encaixam» em argumentos com tendências de folhetim. É que Bette Davis é sempre um «primeiro prémio» de interpretação. O seu extraordinário temperamento de artista faz vibrar o público, mesmo nas figuras mais convencidas. E por isso mesmo nunca nos cansamos de vê-la no «écran» — com o seu ar feiento, de olhos enormes, inquieta, estranha.

«As Cinzas do Passado» vale, portanto, pela sua presença. Ela enche tôda a acção, de grandes lances sentimentais, vivendo a figura de uma jovem de bons sentimentos reabilitada pelo trabalho e pela dedicação dos efeitos remotos de um escândalo público. E é sempre grande na curva dessa vida intensa de mulher que parece perseguida pela fatalidade — na paixão, no desengano, na renúncia, no sofrimento das separações dolorosas, no sacrifício voluntário e abnegado, na ternura maternal, na reconquista da felicidade.

Dois outros excelentes artistas a secundam: Henry Fonda e Ian Hunter. O primeiro num papel curto e muito romântico; o segundo, com a mesma dignidade de outros papéis, numa figura simpática. — A. F.

Carta a um céptico

(Cont. do número anterior)

Aproveite, pois, como lhe convém, o demonstrado sentimento estético dos artistas plásticos portugueses, numerosos e talentosos como poucos. Drene para si a tradição da nossa arte decorativa, plena de idealismo, formusura e tipismo, já sobejamente expressa através do azulejo, do barro, do ferro, do subtil engenho dos entalhadores ou dos lavrantes, da característica mobiliária palaciana e rural.

Em obediência às suas particulares estéticas e à própria pureza e elegância do estilo literário, requere o cinema uma dialogação directa, persuasiva e breve. Recorra então à revelada competência dos nossos dramaturgos e romancistas, habituados a construir com expontaneidade e realismo a linguagem comum, tanto sob o seu aspecto popular e regional, como sob a sua feição mundana ou mesmo erudita.

A cinematografia traduz também em ritmo sonoro o sentido emocional das imagens criadas para o horizonte livre da acção. Convoque, nesse caso, com inteligente afoiteza, o comprovado engenho dos musicógrafos nacionais modernos.

Sensìvelmente plástica, a Sétima Arte enquadrar-se-á aqui nos mais sugestivos cenários naturais, revelando na beleza visual das imagens a alma emotiva da paisagem natal. Ao percorrer o país de lés a lés, o *cameremann deparará* amiúde os mais imprevistos e ciclorâmicos aspectos cenográficos, transfigurados de majestade ou de lirismo, de braveza ou de graça, no sortilégio dispare da montanha, da planície e do mar.

Para aquisição dum pitoresco que o distinga, imprimindo-lhe profundo carácter regionalista e local, o nosso cinema apreenderá virtuosamente os múltiplos aspectos da etnografia nacional, tão digna de retenção fílmica, de apaixonante e científico estudo. Êle desbobinará no *ecran* o atraente album dos nossos costumes e usos, a graça crua do cancioneiro e da fala, a sugestiva resenha do indumento popular, o registo documental dos nossos trabalhos rurais e dos nossos jubilosos momentos colectivos.

Ao admirável poder evocativo da Sétima Arte interessam particularmente os eventos de antanho, à mágica ressurreição das figuras pretéritas e das épocas extintas. A História Portuguesa oferecer-lhe-á sem dúvida, um intérmino oceano de glória, paixões, esplendores, misérias e dramas, resumindo o contínuo movimento das gerações, os ímpetos ascendentes duma raça heróica assim como os seus declínios simbólicos e fatais.

A cinematografia — fiel, de resto, à própria generalidade da arte — é emoção irradiante e pura. Ela verte, para o mundo tangível, a fluídica essência da sua profunda subjectividade. Assim queiram os portugueses imprimir-lhe essa capital virtude de ordem estética! Mergulhadores felizes, penetrarão fàcilmente no recôndito domínio da vida interior, trazendo dêsse outro misterioso fundo oceânico as mais límpidas e fascinantes pérolas.

Nada autoriza a Sétima Arte portuguesa a desistir de tal propósito essencial. Universalistas por essência, razão e mérito históricos, aplicamos sempre em proveito comum, com pródigo desinterêsse, o valor positivo do nosso esfôrço. Criamos mesmo, para a humanidade em geral, uma Civilização de assombro.

Perante a nossa literatura, altamente representativa dessa tendência e bem digna de difundir-se em latitude tanto quanto exprime de formosura e profundidade, ergueram-se sempre as fronteiras despóticas da Língua materna, restringindo o horizonte da sua irradiação provável.

Atravessamos hoje uma hora propícia à valorização do cinema europeu. O cinema latino beneficiará, e muito, dessa oportunidade. O português não pode isentar-se dela, comprometendo sèriamente o seu futuro e desprestigiando a marca nacional da sua origem.

Ao tumulto das batalhas modernas, entrechoques violentos de armas ou vibração calorosa de inteligência, a vitória do Velho Continente e do seu espírito secular dessenha-se já contra as sugestões maléficas do Novo Mundo. Tal circunstância cria à cultura europeia, imbuída de aristocracia ingénita e de nobre expressão clássica, novos elementos de irradiação, influência e prestígio. Cessará de ver a indesejável concorrência hollywoodiana, notável sob o aspecto técnico, corrosiva porém pelo sentido imoral que a distingue, pela pedantesca ignorância, pela superficialidade, desiquilíbrio ou desastroso êrro dos seu temas. Tudo lucraremos com isso, eximindo a nossa Sétima Arte a um competidor volumoso e às servis fórmulas que deturpam a sua justa fisionomia nacional e estética.

Cláudio e António Corrêa d'Oliveira Guimarães

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

O novo filme de **Deanna Durbin** para a UNIVERSAL intitula-se **«THEY LIVED ALONE»** e é produzido por **Bruce Manning**

Deanna Durbin, que merecidamente herdou de Mary Pickford, da Pickford de há uns vinte e tal anos, o título de «Noiva do Mundo» terminou recentemente o seu novo filme para a Universal, que foi já apresentado na América. Como nos seus filmes anteriores, Joe Pasternak, o produtor que à fôrça de perseverança, de tacto e de inteligência tem mantido o seu lugar de destacada importância entre os grandes nomes de Hollywood, foi, como nos oito anteriores filmes da popularíssima vedeta, o responsável por esta obra, aqui, uma vez mais, com a colaboração preciosa de Henry Koster.

O resultado dêsse seu derradeiro filme para a Universal, dêsse seu último trabalho com Mrs. Vaughn Paul — como é por demais sabido êle está agora trabalhando na M. G. M. — mostra-o claramente o côro de louvores da crítica e o entusiasmo do público pelo filme, cujo argumento dá a Deanna Durbin as maiores possibilidades para estadear as suas excepcionais virtudes de actriz e o seu dom invulgar de cantora.

«It Start With Adam», título definitivo de «Almost an Angel», conta a história de Deanna, empregada do bengaleiro dum grande hotel a quem um milionário, o simpático Robert Cummings, faz uma proposta um pouco estranha: seu pai, Charles Laughton, está à beira da morte e quere conhecer «in extremis» aquela que casará com o filho, e que é na ocorrência a graciosa Margaret Tallichet. Mas como esta não está disposta a satisfazer o desejo do velhote, alguém tem que ir em seu lugar. Deanna, que estuda canto nas suas horas livres, aceita o encargo e depois de receber cinqüenta dólares de gratificação, desempenha-se dessa missão com a maior simpatia, e ternura até. De tal forma que o moribundo recobra a saúde e não quere de forma nenhuma afastar-se mais da sua suposta futura nora. As complicações que o facto inesperado causa entre os que se supunham já seus herdeiros, entre a gente dos jornais e os seus amigos formam a base de novo filme da inesquecível intérprete de «Três Raparigas Modernas», uma comédia deliciosa e cheia de movimento e de situações de irresistível comicidade, como fàcilmente se prevê em face do assunto, que a traços rápidos, descrevemos.

O êxito dos seus filmes não concede a Deanna Durbin grandes férias. O público exige mais filmes seus, mostra-se cada vez mais interessado pelas aventuras cinematográficas da encantadora rapariga. Por isso os produtores são obrigados a fazer-lhe a vontade. Por isso Deanna Durbin vai começar um novo filme para a emprêsa de Universal City, a casa que a descobriu, lhe deu glória, fortuna e um marido até...

O filme intitula-se «They Lived Alone» uma história de Sonya Levien, tocado de ternura e de graça. Mas desta vez Pasternak vai longe. Por isso o responsável pelo seu novo filme é o produtor Bruce Manning, que era com aquele a mais importante figura da Universal. Daí a enorme expectativa que rodeia em Hollywood o primeiro trabalho da nova associação Manning-Deanna.

De «Êles vivem sòzinhos» pouco mais se sabe, neste momento. Nem quem é o realizador, nem quais os demais intérpretes do filme.



Deanna Durbin

FITAS NA FORJA

● *GO WEST, YOUNG LADY, com Penny Singleton, Glenn Ford, Ann Miller, Charlie Ruggles, Allen Jenkins, Onslow Stevens, Bob Witls e os seus Texas Playboys e Edith Meiser. Realizada por Frank Strayer. Fotografia de Henry Freulich. Columbia.*

● *BABES ON BROADWAY, com Mickey Rooney, Judy Garland, Virginia Weidler, Richar Quine, Ray Mc Donald, Fay Bainter, Henry O'Neill e Donald Meek. Dirigida por Busby Berteley. Fotografia de Leonard Smith. Metro Golduyn Mayer.*

● *FLY BY NIGHT, com Richard Carlson, Nancy Kelly, Albert Bassermann e Martin Kosleck. Direcção de Robert Siodmak. Fotografia de John Seitz. Paramount.*

● *GOBS IN BLUE, com William Lundingan, Shirley Ross, Chick Chandler, Ruth Donnely, Cliff Nazarro, Mary Ainslee e Mae Clarke. Realização de Al Rogell. Fotografia de Ernie Miller. Republic. (Filmes Luiz Machado).*

● *YOUNG AMERICA, com Jane Withers, Glen Roberts, Ben Carter, Jane Darwell, William Tracy e Irving Bacon. Dirigida por Louis King. Fotografia de Lucien Andriot. 20th Century-Fox.*

● *APPOINTMENT FOR LOVE, com Margaret Sullavan, Charles Boyer, Mary Gordon, J. M. Kerrigan, Reginald Denny, Charley Ray, Romaine Callendar, Conde Stefenelli, David Nervell, Harold Miller, Silleur Haley, Betty Roadman, Doris Lloyd, Arthur Loft, Ruth Terry e Aileen Pringle. Dirigida por William Seiter. Fotografia de Joseph Valentine. Universal. (Filmes Ancântara).*

"BAD MAN FROM BODIE" é o título do novo filme de **Buck Jones** e **Tim Mac Coy** para a MONOGRAM

Falámos há algum semanas da volta às lides dos estúdios dum actor que, dentro dum género especial, os filmes do oeste, chegara a ter um nome festejadíssimo. Êsse artista era o coronel Tim Mac Cay, que após uma ausência de muitos anos voltava de novo a ser o protagonista de aventuras arriscadas e movimentadas.

Agora o actor de cujos filmes W. S. Wan Dyke foi durante longos anos o realizador «attitré», está interpretando para o Monogram — uma das chamadas companhias independentes de Hollywood que se especializou nos filmes em série e nos de aventuras do oeste — um filme que tem por título «Bad Man from Bodie».

No filme aparecem também Buck Jones, outro especialista dos «westerns», o veterano Raymond Hatton, Christine Mc Intire e Dave O'Brien. Spencer Bennett é o realizador e Allen Thompson o fotógrafo da fita.

King Vidor dirige para a M.-G.-M. o filme **«H. M. PULHAM, ESQ.»** com **Hedy Lamarr** e **Robert Young**

King Vidor, figura das mais representativas, que tem brindado o cinema durante a sua longa carreira de encenador com algumas das mais expressivas e significativas obras, que ficam ocupando na história do cinema lugares de primeiro plano, está de novo em plena actividade, dirigindo para a Metro Goldwyn Mayer, companhia onde tem decorrido grande parte da sua carreira, um novo filme.

Intitula-se «H. M. Pulham, Esq.» é extraído do romance homónimo de J. P. Margnand, cujo êxito de livraria é qualquer coisa de notável.

Entre os seus intérpretes contam-se os nomes de Hedy Lamarr, Robert Young, Ruth Hussey, Charles Coburn, que foi o excelente intérprete, com Jean Arthur, de «O Diabo e a Menina», Van Heflin, Bonita Granville e Fay Holden, figura muito conhecida dos filmes da Família Hardy. A fotografia do filme é assinada por Ray June.

Um episódio da história da América

A história da América, em tôdas as épocas e em todos os seus pormenores, as suas figuras de primeiro plano têm sido focadas freqüentíssimas vezes no cinema. Não tem conto, na verdade, os filmes em que um assunto tão palpitante como é o vencimento e o desenvolvimento da civilização americana tem servido de fundo a obras cinematográficas, muitas delas, de incontestável valor, chamando para elas e para os seus realizadores a atenção dos freqüentadores das salas obscuras.

A guerra da Sucessão e a da Independência, o desbravamento do continente e as grandes acções dos pioneiros dêsse país, a figura dos seus heróis ou dos seus obscuros obreiros, tudo tem sido esquadrinhado pelos produtores de Hollywood.

Mais um filme dessa categoria vem juntar-se agora à lista, já enorme.

É a produção da Paramount que tem por título «The Remarkable Andrew» que o novo realizador Stuart Heisler está dirigindo. Interpretam o filme, cuja acção decorre por volta de 1780, quando ia acesa a guerra contra a Inglaterra, nos tempos de Washington e de Jefferson.

William Holden, Brian Donlevy, actor que goza hoje duma enorme categoria, que vive a figura dum oficial do exército, a bela Ellen Drew, Rod Cameron, Porter Hall, Richard Webb, Frances Gifford e Spencer Charles, são os intérpretes. O operador alemão Fedor Sparkuhl é o fotógrafo do filme.

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

1243 — LIANA. — A tua carta termina assim: «Estará legível? Duvido!». Chama-se a isto um rebate de consciência. Porque comecei logo, por olhar para a palavra que figurava sôbre o P. S., e que era o teu pseudónimo, e não a percebi bem... Para poder ajuizar as tuas qualidades de fotogenia, gostaria, ao menos, de ver um retrato. — Vejo que tens grandes aspirações artísticas: «Gostaria de fazer um papel, no género do que a Merle Oberon interpretou em *O Monte dos Vendavais*». É bom ter ambições. Sem um alvo, é impossível tentar acertar. Mas tenho a impressão de que estás como aquelas pessoas que nunca pegaram numa pistola e querem fazer «mouche» a 100 metros de distância...

1244 — POLLY *(Lisboa)*. — Como vai o teu Andy Hardy?! Sempre «infiel»!? — Com todo o prazer te recebo nesta casa, que é tua e de todos quanto me escrevem. Nesta secção, nem sequer é «reservado o direito de admissão». — Folgo por que *Animatógrafo* te agrade cem por cento. São essas as palavras mais reconfortantes que podemos ouvir. — Betty Grable: 20th Century-Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — Norma Shearer: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Ginger Rogers: RKO-Radio Pictures Studios, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia. — Os progressos do cinema português são notórios. Só os vesgos ou os mal intencionados os poderão negar.

1245 — OUBLI *(Penafiel)*. — Compreendo perfeitamente o teu entusiasmo pela Laraine Day, a «Molly» dos filmes do «Dr. Kildare». É uma artista distinta, com uma voz lindíssima (já reparaste !...) e bonita como as que são. Os exibidores e críticos de Nova-York consideraram-na, recentemente, como sendo a «featured player» com mais probabilidades de ascender a «star». — Não duvido que sejas um cinéfilo de gema! Basta-me a tua afirmação de que gostaste de *Cavalgada Heróica* (Stagecoach). — — O primeiro filme de Janet Gaynor, ou, melhor, aquele que a revelou, foi *Sétimo Céu*. — Êste leitor saúda uma *Moreninha Insinuante*.

1246 — ANTINEA *Lisboa)*. — Tomei nota da tua actividade desportiva. Nem a Bebe Daniels!... «V. acha um grande mal as raparigas casarem e serem felizes e prefere vê-las em êxtase perante os bonecos dos filmes?» Apesar da interrogação, a afirmação é evidente. Apresso-me pois a esclarecer-te, *Antinea!* Seria absolutamente tôlo, se advogasse essa triste situação!... Pelo contrário, eu sou daqueles que admitem e compreendem que as raparigas tenham preferência, por êste ou aquele galã da tela, mas que as censuram se os olham com a pretensão de arranjar «versões portuguesas», que as levem ao altar... Acho naturalíssimo que tu gostes de ver o Cooper, o Gable e o Donat, porque eu também gosto! E o facto de me entusiasmar com a Lamour, a Crawford, A Lana, a Lamarr e tantas outras não me leva a coleccionar retratos e suspirar diante dêles, como o Juiz Bean, pela Lily Langtry, na *Última Fronteira*.

1247 — ROMEU E JULIETA *(Santarém)*. — Folgo por que *Animatógrafo* haja sido para ti um guia e um mestre, em matéria de Cinematografia. — Gostosamente te atendo nesta secção. Escreve sempre, pois com o maior prazer te elucidarei. Os principais filmes da Judy Garland foram: *Maravilhas de 1938*, *Nasceu um gentleman*, *Andy Hardy apaixona-se*, *Vamos raptar a mamã*, *O Feiticeiro de Oz*, *De Braço Dado*, etc. Êste ano, veremos: *Prosápias de Andy Hardy*, *O Rei da Alegria* (Strike up the band), *Sonhos de Estrêlas* (Ziegfeld girl) e *Um amor de rapariga* (Little Nellie Kelly).

1248 — ETERNA GAROTA *(Lisboa)*. — Respondo aquela carta em que me pedes que te diga para onde poderás escrever ao Laurnce Olivier. No momento presente, não te aconselho a fazê-lo, uma vez que êle está em Londres, a cumprir o seu dever de soldado, e ignoro o endereço respectivo.

1249 — UM «ESTICADINHO» CINÉFILO *(Cantanhede)*. Tenho o maior prazer em atender-te, tanto mais que conheço a vila de onde escreves, e que os Marialvas ilustraram. Assisti, em Lisboa, a uma exibição de *Os Esticadinhos*, rancho folclórico que o cinema, ainda um dia, há-de aproveitar. — Podes obter as fotos das artistas portuguesas, solicitando-as directamente, por intermédio do *Animatógrafo*. Isto é: escreves à Graça Maria, por exemplo, e, no envelope, pões: «Pa/a Graça Maria, ao cuidado de *Animatógrafo*, rua do Alecrim, 65, r/c. Lisboa». E, nós, depois, a transmitiremos.

1250 — GAROTA DE LISBOA *(Lisboa)*. — O novo filme de Marlene, pelo facto de se chamar *Sete Pecados* não deve ser impróprio para menores. Em regra, tenho esta impressão: os nomes dos filmes andam quási sempre em desacôrdo com a natureza do tema... — Êste ano, ao que se diz, não teremos filmes de Fred Astaire. O único que êle interpretou, *Second Chorus*, para a Paramount, não será apresentado esta época em Lisboa. — Também tenho saudades do par Fred-Ginger, mas do par da *Alegre Divorciada*, de *Chapéu Alto* e de *Ritmo Louco*. Porque no *Bailado da Saudade*, não me convenceram. — Transmito as tuas saudações a *Dinhamá*, *Donanfer*, *Bob*, *Zé Fernandes*, *Pinnochio*, *Pinnochia*, *Luiz XV* e *Conde Axel de Fersen da Suécia*.

1251 — CONDE DE MONTE CRISTO *(Lisboa)*. — Ignoro qual será o dia em que o cinema aproveitara *Milu*, a excelente artista da rádio. No entanto, quero crer que a sua hora há-de chegar.

1252 — CARLOS FERNANDO *(Pôrto)*. — Desculpa, mas o teu pedido briga com os interêsses da nossa administração... Compreenderás porquê...

1253 — C. S. — Quem te disse que nós não gostamos da Annabella? O facto de ser a mulher do Tyrone não é razão para lhe querermos ou a detestarmos. Ela é uma artista simpática e com relativo talento. — Quanto ao resto, tens e não tens razão.

1254 — FOTOGÉNICA *(Lisboa)*. — Registo as tuas impressões sôbre *Os Tempos Mudaram*. Dizes-me que esperavas um filme passado nos salões austríacos e que afinal se desenrola nas cavalariças: os tempos mudaram... — O Robert Young, de facto, não tem mudado muito, fìsicamente, nos últimos anos.

1255 — MARGOT *(Santarém)*. — Tive a maior alegria com a tua reaparição, se bem que sob um novo pseudónimo. — Podes obter, directamente, as fotos do Tyrone e do Robert Stack, escrevendo ao primeiro para 20th Century-Fox Studio, Box 900, Hollywood, Califórnia, e ao segundo para Universal Studios, Universal City, Hollywood, Califórnia. — Deixa-me dizer-te que acho o teu nome muito bonito, mas compreendo que não queiras usá-lo nesta secção, pois, infelizmente, há pessoas tão retrógradas e insensatas, que são capazes de achar mal que tu me escrevas, embora lhes parecesse naturalíssimo que, amanhã, andássemos os dois, num baile, a dançar a noite inteira, desde que houvesse uma pessoa, que fizesse as apresentações da praxe.

1256 — INCÓGNITO MISTERIOSO *(Leiria)*. — Estive, há dias, na tua terra, de passagem para muito longe. Se soubesse da tua morada, ter-te-ia visitado. — A Tabacaria Condes, Pr. dos Restauradores, vende postais de artistas cinematográficos ao preço de 1$00. — Se gosto do teu pseudónimo? Adoro-o! — Êste leitor oferece um brinde à leitora que lhe descrever de forma mais sugestiva e flagrante a terra onde vive! Uma espécie de monografias epistolares...

1257 — MICKEY ROONETE *(Aveiro)*. — Vamos estudar o concurso que tu propões, com o prémio que sugeres: «uma viagem a Hollywood?». E porque não, também, uma experiência matrimonial de oito dias, com a Lamour ou a Lamarr?! Não querias mais nada, não?! — Também vou ver se te arranjo o lugar de varredor do «set» onde trabalha a Deanna Durbin. — Êste leitor saúda *Pinocchia* e *Swing Cinéfilo*.

Bel-Tenebroso

MODAS DE HOLLYWOOD

Hollywood conquistou em matéria de modas, a flâmula azul que pertencia a Paris. Hoje, a cinelandia não só é a rainha do Cinema, mas também a ditadora das «toilettes» femininas. Aqui temos nós dois modêlos para o Outono que vão causar insónias às nossas leitoras. Hollywood enviou-os, de avião, as fotos destas duas maravilhas. Chegaram há pouco, no «Clipper» que galgou o Atlântico em meia duzia de horas.

As leitoras têm um jantar de cerimónia? Não sabem como apresentar-se? Então vejam se lhes agrada (agrada, com certeza) êste formoso modêlo criado por Adrian, o célebre costureiro, hoje conquistado por Hollywood (é casado com Janet Gaynor, como sabem...)

Vejam: uma riquíssima capa de raposa de prata e um vestido preto, longo, de saia larga caída sôbre os pés e deixando vêr sapatos abertos — como hoje se usam nas ruas — com uma flôr de oiro a servir de fêcho... Extremamente económico como as leitoras calculam... (O modêlo é apresentado por Ann Sothern).

Agora, as senhoras querem ficar em casa. Aqui têm um bonito «déshabillé», de tecido fino, bordado a oiro ou prata, com cinto largo e comprido, franzido nas extremidades... Requere bom gôsto no côrte e sobriedade nos bordados... Constance Moore é a actriz que apresenta o «deshabillé». Não sabemos quanto êle lhe custou...





Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



VERONIKA LAKE, que conquistou ràpidamente um lugar no firmamento de Hollywood segue numa curva ascencional que está a causar admiração na América.

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: RONALD REAGAN